

A PRÁTICA DA PESQUISA COMO UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA NA SOCIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO

Naiaranize Pinheiro da Silva (1); Márcio Nicory Costa Souza (2)

(1) IFBA, Rua Emídio dos Santos, S/N, Barbalho, Salvador Bahia
naiaranize@hotmail.com

(2) IFBA, Rua Emídio dos Santos, S/N, Barbalho, Salvador Bahia
mnciso@hotmail.com

RESUMO

Este *paper* tem como objetivo discutir a pesquisa nas aulas de Sociologia. Para tanto nos valem de uma experiência pedagógica realizada no IFBAHIA, com turmas do 1º ano do ensino médio integrado, estabelecendo reflexões acerca dos resultados do trabalho mediadas pela discussão metodológica e o referencial teórico que fundamentou a atividade realizada.

Palavras-chave: Sociologia; Ensino Médio; Pesquisa-ação

1 INTRODUÇÃO

A produção do conhecimento é um elemento fundamental das Ciências Sociais. Da observação, descrição e análise da realidade construímos esquemas-modelos explicativos dos fenômenos sociais, os quais, muitas vezes servem de base para processos de intervenção na sociedade. É através da pesquisa que o sociólogo efetiva sua ação na sociedade. Propondo reflexões e apresentando novas formas de compreensão do meio em que vive.

Aos professores de sociologia do ensino médio, ainda em fase de reimplantação e apresentando novas características em relação a períodos anteriores de vigência no antigo ensino secundário, coloca-se o desafio e missão de reelaboração de novas práticas a fim de integrar-se a novas perspectivas do ensino.

De um lado, a sociologia vê-se aprisionada no questionamento acerca da sua própria “utilidade”. Imersa em uma sociedade que visa à formação voltada para o capital (MÉSZÁROS, 2005), uma perspectiva crítica terá sempre que se fazer compreender em nossa cultura, e justificar sua existência, num processo de continuada reafirmação. Desse modo, cabe a nós professores a construção de uma “identidade” para a disciplina no âmbito dos cursos de ensino médio, contexto no qual muitas vezes temos que lidar com atitudes questionadoras da validade da sua presença em nossas salas de aula, especialmente nas escolas de ensino médio e integrado ao ensino profissionalizante.

O objetivo deste *paper* é oferecer um relato de uma experiência de projeto, um trabalho feito coletivamente pelos autores e desenvolvido com as turmas de 1º ano do Ensino Médio. Este projeto partiu da necessidade

de reflexão, tendo em vista a lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008, que estabelece a obrigatoriedade da Sociologia e da Filosofia em todas as séries do Ensino Médio. Diante da reconquista e normativa decorrente, mudanças curriculares se fizeram e fazem necessárias a fim de estabelecer um novo currículo da disciplina.

2. DESCRIÇÃO DA PROPOSTA DE ENSINO DESENVOLVIDA

Nossa experiência como professores da rede de escolas federais¹, hoje IFES, nos impõe a necessidade de pesquisar sobre a própria prática, elaborando projetos e propostas de trabalho junto aos alunos, e, sempre que possível, estabelecendo o diálogo com outros docentes, com o objetivo de avaliar e aperfeiçoar nosso trabalho. Neste sentido, apresentamos a seguir uma breve reflexão sobre o projeto desenvolvido com os estudantes das turmas de 1º ano do Ensino médio integrado do IFBA no primeiro semestre de 2010, voltado para a introdução dos estudantes na metodologia de pesquisa em Ciências Sociais.

Nosso objetivo inicial era discutir as características da Sociologia como uma atividade prática de pesquisa; como a Sociologia enquanto ciência produz conhecimento. Que instrumentos ela se utiliza na sua prática cotidiana e de que forma estes conhecimentos produzidos podem ser apropriados no cotidiano, inclusive como proposta de intervenção no espaço em que vivemos. Ou seja, o entendimento, como escreve MAIA; PEREIRA (2009, p. 97), da pesquisa científica como uma atividade fundamental à Sociologia e procurando “destacar a diversidade de métodos utilizados pelos sociólogos, bem como a necessidade de criatividade intelectual para o bom uso das ferramentas de pesquisa”. Para tal, discutimos as noções de conhecimento, ciência, senso comum, senso comum erudito, sujeito, objeto, ato de conhecimento, procedimentos-método e pesquisa, bem como algumas diferenças entre as Ciências Naturais e as Ciências Sociais. Os trabalhos de Alves (1981); Bagno (2009); Bourdieu (1983); Luckesi; Passos (1985) e Minayo (2002) nos orientam neste sentido.

Um segundo objetivo foi o de apresentar os estudantes à metodologia científica, a partir de alguns modelos e normas do trabalho científico: elementos fundamentais para a apresentação da produção científica.

Paralelo aos objetivos definidos houve ainda o interesse em estimular/instigar os estudantes a refletirem sobre problemas do seu próprio cotidiano, definindo assim, como tema da pesquisa, a obrigatoriedade de referir-se a questões relativas à vida do estudante do ensino médio integrado da escola. Obrigatoriedade esta justificada por questões de viabilidade espaço-temporal. Ou seja, uma pesquisa que contribuísse para um maior conhecimento do coletivo do IFBA-Salvador e pudesse subsidiar uma intervenção em seu próprio espaço de estudo – empoderando os estudantes na construção da sua participação nos destinos da escola.

A definição destes objetivos vincula-se ao nosso interesse pela pesquisa-ação, não como um modelo de intervenção do professor, mas partindo da proposta de ter o educando como produtor do seu conhecimento.

¹ Atuando nas redes estadual (1991/2004) do Estado da Bahia e federal, IFBA – Salvador, Bahia (2000/2010), temos vivido as mudanças na legislação acerca do ensino da sociologia e buscado formular propostas de trabalho para a disciplina.

Como um ser que compreende as nuances da realidade escolar onde está inserido ao problematizá-la ativamente a partir de seu cotidiano.

O cenário desta pesquisa definiu-se então pelo IFBA, unidade Salvador, Bahia, sendo o conselho de classe e as discussões acerca do alto índice de reprovações nas turmas de 1º ano em 2009 um elemento sensibilizador/disparador da tarefa de investigação. Bem como as recorrentes hipóteses formuladas pelos docentes como respostas-provisórias às variações na aprovação anual e por diferentes componentes curriculares no decorrer das unidades.

Nove turmas² participaram do trabalho que foi dividido em quatro partes:

1. Introdução a Metodologia Científica, com a leitura de textos de discussão sobre ciência, problema social e problema sociológico;
2. Introdução às normas de elaboração de um projeto de pesquisa;
3. Desenvolvimento do projeto de pesquisa (em grupo) e definição do tema por equipes. Pesquisa de campo;
4. Apresentação dos resultados da investigação ao grupo.

O trabalho desenvolvido, embora de forma consciente e cuidadosa pelos professores teve momentos de dúvida em relação à sua validade – tendo em vista uma formação conservadora a que estamos submetidos e que, gera dúvidas frente à pertinência e validade de propostas diferentes de atuação no âmbito da sala de aula. Em muitos momentos, nós professores, tivemos dúvidas e pensamos em recuar retornando a um modelo de docência mais tradicional, baseado em aulas expositivas e leituras coletivas do material didático, além das avaliações pontuais como as provas. Entretanto, em que pesem estas dúvidas e ansiedades seguimos até o final da unidade com a realização do trabalho.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E DISCUSSÃO: A PRÁTICA DE PESQUISA COMO METODOLOGIA DE ENSINO

A produtividade como elemento fundamental da sociedade capitalista nos coloca imersos em situações onde o objetivo mais importante do trabalho docente fica em suspensão. É a nossa função produzir continuamente, num modelo de pedagogia conteudista e reprodutora ou devemos ousar e oferecer oportunidades de escolhas aos nossos educandos? Qual o limite prático entre nossa liberdade de experimentação e nossa responsabilidade enquanto docente de permitir a gestação de uma educação de qualidade aos nossos estudantes?

² Eletrônica (9811 e 9812), Eletrotécnica (2811 e 2812), Geologia (10811), Química (8814 e 8811), Mecânica (6812), Automação (5812).

Acreditamos que, aos professores que vislumbram um projeto educacional emancipador, seja sempre pertinente a auto-avaliação e o permanente questionamento da sua prática. Assim, esta experiência se constitui em um processo de aprendizagem também para nós, tendo em vista que não havia uma certeza dos resultados produzidos. Embora de algum modo outras vivências do espaço escolar nos autorizassem a acreditar na viabilidade do projeto. Além de autores que concebem a educação pela pesquisa, e a disciplina sociologia como o espaço apropriado para isso.

Pedro Demo (1998), em *Educar pela Pesquisa*, aponta quatro pressupostos cruciais para uma proposta de educação pela pesquisa. Para ele, “o que melhor distingue a educação escolar de outros tipos e espaços educativos é o fazer-se e refazer-se na e pela pesquisa”. Refere-se o autor, à pesquisa científica, à investigação com o objetivo expresso de obter conhecimento específico, estruturado sobre um determinado assunto. Portanto, educar pela pesquisa, ou ensinar a pesquisar, como escreve Bagno (2009), é mostrar caminhos, mas principalmente orientar/mediar o estudante para o desenvolvimento “de um olhar crítico que lhe permita desviar-se das ‘bombas’ e reconhecer, em meio ao labirinto, as trilhas que conduzem às verdadeiras fontes de informação e conhecimento”.

De acordo com as melhores teorias atuais da aprendizagem, a maneira mais efetiva de aprender é pesquisar e elaborar; ao contrário do costume instrucionista vigente com base em meras aulas expositivas, é fundamental que professores e alunos saibam “manejar” conhecimento, não apenas repassar e receber (DEMO, 2003, p. 277).

Ora, como endossa (DEMO, 1998, p. 17) em outro trabalho, “a aula que apenas repassa conhecimento, ou a escola que somente se define como socializadora de conhecimento, não sai do ponto de partida, e, na prática, atrapalha o aluno, porque o deixa como objeto de ensino e instrução”. Sendo assim, a escola, de instância instigadora e produtora de conhecimento, transforma o contato pedagógico em treinamento. Num tom mais cáustico, continua o autor: “a aula copiada não constrói nada de distintivo, e por isso não educa mais do que a fofoca, a conversa fiada dos vizinhos, o bate-papo numa festa animada”. Daí a importância do questionamento reconstrutivo mesclado aos insumos técnicos disponibilizados como forma de instrumentalização do estudante para construir seus próprios saberes.

Deste modo, entendemos que a pesquisa atua como um princípio também educativo, que permite ao estudante explorar o seu potencial formativo, fomentando posturas mais questionadoras, críticas e capazes de apresentar propostas alternativas, além de desenvolver habilidades como a argumentação e contra-argumentação. Nessa perspectiva, o educando é protagonista do seu conhecimento como autor-pesquisador do saber. Aquilo que Marcos Bagno (2009) recupera sobre a denominação de “independência de pensamento” - pela percepção e apropriação de como a ciência conhece, como procede para o entendimento da realidade, como toma aspectos do real, estabelecendo conexões ou inteligibilidades. Pela pesquisa e para a pesquisa, espera-se aproximar o estudante dos requisitos à condição de ser capaz de aprender por si mesmo, criticar o que aprendeu e criar conhecimento novo. Da exposição, debate e leitura de conteúdos à combinação e produção de conteúdos, conhecimento inédito. Supera-se assim a separação entre prática e

teoria que permite ao sociólogo não se perder “[...] em indigestões teóricas, que sempre fizeram, um pouco pelo menos, certa imagem duvidosa; é preciso ver de perto os problemas sociais, para que seja viável também comprometer-se com eles em termos de práxis alternativas” (DEMO, 2003, p. 277).

Em uma sociedade onde cada vez mais temos alunos indispostos a produzir conhecimento, em virtude da facilidade de acesso e cópias de conteúdos através da Internet, a pesquisa atinge ainda outro objetivo que é de permitir ao educando autonomia e criatividade. A proposta de fugir de temas já batidos, ou mesmo de reelaborá-los em um contexto micro, nos permite evitar algumas situações de plágios e cópias tão comuns entre nossos estudantes. “Perceba que os significados desse verbo [pesquisar] em latim insistem na idéia de uma busca feita com cuidado e profundidade. Nada a ver, portanto, com trabalhos superficiais, feitos só para “dar nota”. (BAGNO, 2009, p. 17)

Trabalhar com pesquisa, com as noções que a cercam, é instigar a percepção dela como um estreitamento presente na vida cotidiana. Ora, como nos lembra didaticamente Marcos Bagno (2009, p. 18): “é mesmo difícil imaginar qualquer ação humana que não seja precedida por algum tipo de investigação”. A vida é um constante e necessário escrutínio. Rudimentares ou nem tanto cuidadosas ou criteriosas, o cotidiano está imerso em atividades de pesquisa, de inquéritos, de indagação ou consulta, que orientam, guiam as ações, subsidiam intervenções: das ações corriqueiras do dia-a-dia, na prática fundamental das ciências, nas inovações tecnológicas e de gestão produtivo-comercial ou no progresso intelectual de um indivíduo.

A própria vida como tal é um espaço naturalmente educativo, à medida que induz à aprendizagem constante, burila a têmpera das pessoas, forma no sofrimento e na experiência acumulada. A família, mais do que ninguém, educa todo dia e toda hora, sendo instância mais responsável pelas condições de emancipação dos filhos. A roda de amigos, a reunião no bar, o ambiente de trabalho etc., também são lugares possivelmente educativos. (DEMO, 1998, p. 5-6)

A constatação disso, ancorados também na literatura específica, a partir da nossa experiência docente, nos ampara e nos permite endossar a importância de dimensionar a presença da pesquisa como fundamento do cotidiano, como fundamento de toda ou qualquer ciência e também, portanto, da sociologia.

E no que se refere propriamente ao olhar sociológico – como nos lembram Anthony Giddens (2003) e Peter Berger (1986), bem como Flávio Sarandy, em reflexões sobre o ensino de Sociologia, – da possibilidade de perceber sutilezas, interconexões, subjacências nas atividades e práticas humanas tidas como rotineiras, banais, naturalizadas, reificadas. Possibilitando uma reflexão sobre a capacidade de mobilização, agência dos indivíduos, além de apreensão e desenvolvimento da “imaginação sociológica”, compreensão de cenários de circunstâncias sociais, auto-esclarecimento - oferecendo aos grupos e aos indivíduos uma oportunidade aperfeiçoada de alterar as condições de suas próprias vidas.

A sociologia nos ensina que aquilo que encaramos como natural, inevitável, bom ou verdadeiro, pode não ser bem assim e que os “dados” de nossa vida são fortemente influenciados por forças históricas e sociais. [...] Entender isso, ou os modos sutis, porém

complexos e profundos, pelos quais nossas vidas individuais refletem os contextos de nossa experiência social é fundamental para uma abordagem sociológica. [...] **A imaginação sociológica nos permite ver que muitos eventos que parecem dizer respeito somente ao indivíduo, na verdade, refletem questões mais amplas.** (GIDDENS, 2003) [grifos nossos]

A construção da imaginação sociológica, do olhar ou perspectiva sociológica, nos parece muito próximo daquela alinhavada por Sarandy (2002). À escolha pela pesquisa-ação como metodologia subsume-se e, na sua concretização, revela o compromisso com a construção desse olhar descrito pelo autor em poético trecho sobre o ensino de sociologia no ensino médio no Brasil.

Seria impossível codificar as reações de espanto e curiosidade ou as mudanças sutis de percepção e linguagem produzidas nos jovens que já tiveram o privilégio do contato com a ciência social. [...] nos olhares de quem se encontra em face de um enigma é que se pode aferir quão importante se torna para os alunos a descoberta sobre como nossa vida é perpassada por forças nem sempre visíveis – por nossa simples pertença a um grupo social. E não a um grupo social qualquer, mas a *esse grupo*, com sua identidade, posição na estrutura social, símbolos e recursos de poder. Quando o aluno compreende que os cheiros, os gestos, as gírias, as tensões e conflitos, as lágrimas e alegrias, enfim, o drama concreto dos seus pares, é em grande medida resultante de uma configuração específica de seu mundo, então a sociologia cumpriu sua finalidade pedagógica. (SARANDY, 2002)

A proposição de nossa atividade, pelas especificidades da condição da disciplina no curso médio integrado, nos levou à inevitável flexibilidade, conforme nos lembra Thiollent (2002, p. 47), quanto ao planejamento e cumprimento de fases e etapas. “Há sempre um vaivém entre várias preocupações a serem adaptadas em função das circunstâncias e da dinâmica interna do grupo de pesquisadores no seu relacionamento com a situação investigada”. Contudo, ao relacionarmos à necessidade de acompanhamento e avaliação criteriosos e assistidos da prática docente, operamos por um meio termo, oscilando conscientemente na exigência do cumprimento de certas uniformidades (formatação do projeto, apresentação de resultados, roteiro ou questionário etc.) e liberdades/escolhas por parte dos grupos (consoante os temas, fontes e procedimentos eleitos e empregados etc.). As exigências, nesse sentido, dizem respeito aos prazos, ao cumprimento de alguns itens considerados indispensáveis à comunicação científica na sua proposição e apresentação de resultados, isto é, certos sequenciamentos.

A atividade de pesquisa proposta, como já mencionado, se inscreve à perspectiva da pesquisa-ação, como aquela linha da pesquisa social norteada pela resolução de problemas e com objetivos de transformação (cf. THIOLLENT, 2002). Nesse sentido, a escolha do tema, a partir da problematização do tema ou de uma faceta relacionada a ele, a confecção de um projeto, sua execução, construção do relatório e leitura causal pelo estabelecimento de conexões nas respostas, recorrências e observação (direta ou indireta), e, inclusive o encaminhamento do produto, via exposição oral à coletividade (nas turmas ou em instâncias na escola) por exemplo, às instâncias de coordenação/direção de ensino ou setores pedagógicos: visibilidade do estudante na instituição, seu empoderamento enquanto pesquisador-produtor de conhecimento novo. Este, por sua vez, referido aos problemas da própria instituição, portanto, insumo ou matéria-prima para as ações de intervenção. Reafirmando o que escreve Demo:

Tendo-se tornado cada vez mais evidente a proximidade entre conhecer e intervir, porque conhecer é a forma mais competente de intervir, a pesquisa incorpora necessariamente a prática ao lado da teoria, assumindo marca política do início até o fim (DEMO, 1998, p. 7).

4 ELEMENTOS PARA CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao todo foram realizados 48 projetos por grupos de 5 a 8 estudantes nas 9 turmas dos cursos supracitados. Os estudantes escolheram temáticas variadas, ligadas diretamente aos seus próprios cursos ou a outros cursos (e em anos diferentes), assim como à instituição em geral. Motivaram os recortes e a construção dos projetos de pesquisa e dos instrumentos de coleta de dados temas como: reprovação, impressões sobre as disciplinas, estereótipos sobre os cursos, relacionamentos e comportamento sexual, consumo de drogas, *bullying*, rotatividade dos professores substitutos, relações de gênero, acessibilidade e futebol.

As orientações sobre os procedimentos e instrumentos utilizados levam alguns grupos a combinarem fontes e técnicas, garantindo um comprometimento com as temáticas.

A experiência reforça a importância da pesquisa como uma metodologia que protagoniza o estudante na obtenção/construção do conhecimento. Realiza a condição de sujeito e não objeto do conhecimento; vetor, e não alvo do conhecimento. Ao oportunizar essa condição, ou melhor, esta posição de protagonismo, não fugimos da dimensão de estudo e articulação de conteúdos referentes à disciplina, ao contrário, pelas escolhas e sua fidelização ou honestidade para com os temas, a atividade orienta-o a focalizar a pesquisa, “forçando” a estudar, construir, produzir o inédito. Como ressalta Bagno

(...) o importante é mostrar aos alunos que existe na escola uma vontade de acompanhar as transformações que estão se processando do lado de fora da sala de aula e que todos os meios e multimeios oferecidos pelas novas tecnologias também devem ser usados para tornar o aprendizado mais atraente, mais atualizado, mais vivo (2009, p. 62).

Nesse sentido, observamos também a utilização da internet, principalmente *chats* e e-mails, como um recurso de atração para o aluno, bem como de viabilidade no processo de orientação e acompanhamento das produções, para além dos encontros regulares nas aulas.

Endossamos a importância e “funcionalidade” da proposição de trabalho com Sociologia via projetos de pesquisa, contudo ressaltamos também a dificuldade de implementação e gestão. A experiência foi proveitosa, mas não representou unanimidade, nem total adesão por parte dos grupos.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola**: o que é e como se faz. São Paulo: Loyola, 2007.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. A sociologia como passatempo individual. In: _____. **Perspectivas sociológicas**: uma visão humanística. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 1986. Tradução de Donaldson M. Garschagen.

BOURDIEU, Pierre. Uma ciência que perturba. In: _____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 16-29.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 3 ed. Campinas: Autores Associados, 1998. Coleção Educação Contemporânea.

_____. **Introdução à Sociologia**: Complexidade, Interdisciplinaridade e Desigualdade Social. São Paulo: Atlas, 2003.

GIDDENS, Anthony. O que é Sociologia? In: _____. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

LUCKESI, Cipriano C.; PASSOS, Elizete S. **Introdução à Filosofia**: aprendendo a pensar. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1985. (Capítulos 1, 2 e 3).

MAIA, João Marcelo E.; PEREIRA, Luiz Fernando A. Pesquisando em Sociologia. In: _____. **Pensando com a Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. Capítulo 4.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MINAYO, Maria C. de S.(Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

NININ, Maria Otilia Guimarães. Pesquisa na escola: Que espaço é esse? O do conteúdo ou o do pensamento crítico? **Educação em revista**, Belo Horizonte, n. 48, dez./2008, p. 17-35.

SANTOS, José Rodrigues dos Santos. A propósito das noções de “problema social” e “problema sociológico”. **CIDEHUS**, Évora, out./2009.

SARANDY, Flávio M. S. **O ensino de ciências sociais no ensino médio no Brasil**. 2002. Disponível em: http://www.naya.org.ar/congreso2002/ponencias/flavio_marcos_silva_sarandy.htm. Acesso em: 02.06.2005.

SILVA, Maria da Conceição T. da. Reflexão sobre o conceito de problema social – I. **Análise Social**, Lisboa, n. 17, s.d.

SILVA, Maria da Conceição T. da. Reflexão sobre o conceito de problema social – II. **Análise Social**, Lisboa, n. 18, s.d.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2002. Coleção temas básicos de pesquisa-ação.